

## A Ternura Lusitana

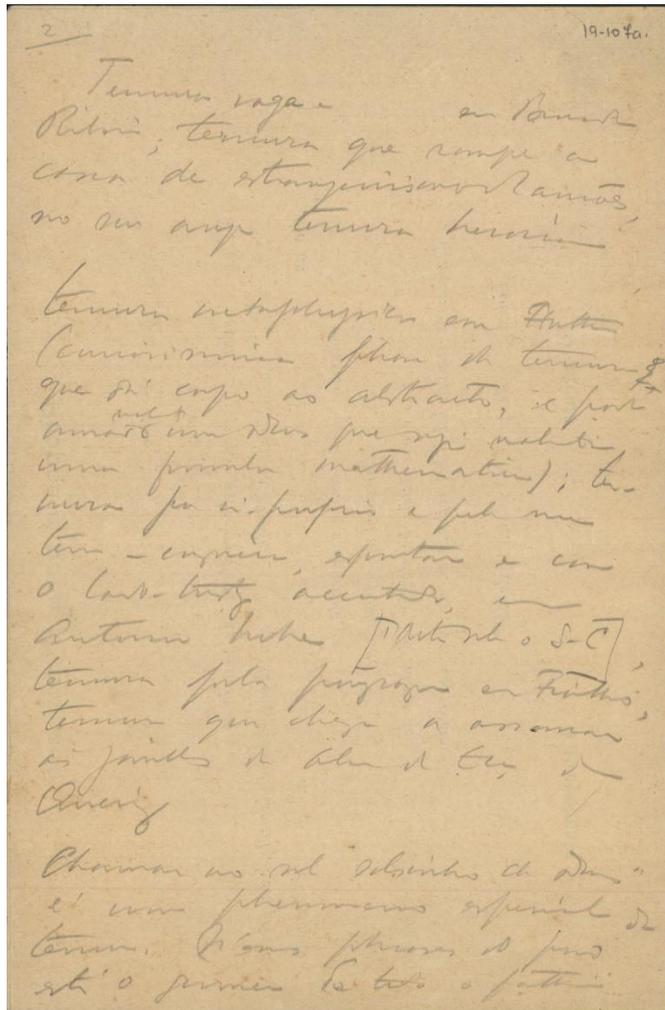
ou

### A Alma da Raça

O costume de definir o portuguez como essencialmente lyrico, ou essencialmente amoroso - absurdo, porque não há povo quasi nenhum que não seja estas duas cousas. Ao mesmo tempo vê-se que, ainda que a expressão falhe, há qualquér cousa de verdade, que não chega a descobrir-se, n'estas phrases.

O que é que há, de quasi-indefinivelmente portuguez, ~~commum~~ de portuguezmente commum, excepto a lingua, a Bernardim Ribeiro, Camões, Garrett, Anthero de Quental, Antonio Nobre, Junqueiro, Correia de Oliveira, Pascoaes, Mário Beirão?

Em primeiro lugar, é uma ternura. Mas o que é essa /uma\ ternura?



Ternura vaga e {...} em Bernardim Ribeiro, ternura que rompe a casca de estrangeirismo de Camões, no seu auge ternura heroica, ternura metaphysica em Anthero (curiosissima phase da ternura) que dá corpo ao abstracto, e pode amar realmente um Deus que seja relativamente uma formula mathematica); ternura por si-proprio e pela sua terra - esquiva, espontanea e com o lado-tristeza accentuado, em Antonio Nobre (artigo sobre o Sá-Carneiro), ternura pela paizagem em Fialho, ternura que chega a assomar ás janellas da alma de Eça de Queiroz.

Chamar ao sol "solsinho de Deus" é um phenomeno especial da ternura. N'essas phrases do povo está o germen de todo o patrio.

---

## DIREITOS ASSOCIADOS

---

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).